

A Comunidade da Capela de Nossa Senhora da Bonança, Capela do Rato, considera que a Igreja é a instituição mais antiga com um papel relevante na educação e cultura e com a maior obra caritativa feita. Contudo, na atualidade, mostra uma crescente consciência da necessidade de evoluir segundo o Evangelho e representar a voz da esperança. Todavia, sobretudo no Ocidente, apresenta-se como uma Igreja envelhecida e triste, com um número decrescente de fiéis, tendencialmente conservadora e crítica das novas dinâmicas sociais e culturais. É frequentemente uma Igreja pouco inclusiva e acolhedora, quer em termos espirituais, quer em termos humanos, marginalizando divorciados, recasados e pessoas com diferentes orientações sexuais, dando igualmente pouco atenção a pessoas com deficiência. Continua a ter uma atitude demasiado hierárquica, clerical, corporativa, pouco transparente e resistente à mudança, protegendo-se a si mesma antes de proteger a comunidade de fiéis, como aconteceu, por exemplo, nos casos de pedofilia. Revela alguma soberba na atitude e na escuta, desvalorizando os anseios e as expectativas de leigos/as e jovens, relegando-os/as, demasiadas vezes, para o papel de recetores/as passivos/as. É uma Igreja na qual as mulheres ainda não são consideradas em igualdade com os homens. Revela-se, ainda, pouco aberta à alteração dos rituais e da linguagem litúrgica. O ecumenismo e o diálogo com outras instâncias da sociedade continuam a ser insuficientes.

Considera, pois, ser urgente concretizar os caminhos apontados pelo Concílio Vaticano II e regressar à essência e à alegria do Evangelho.

Ao nível da estrutura da Igreja, desejamos que: se promova a plena integração das mulheres no acesso à ordenação e à hierarquia eclesial; se permita que o celibato do clero seja opcional; se escutem as comunidades diocesanas na sua grande diversidade na escolha e nomeação dos bispos locais, assegurando transparência no processo; se atualize o catecismo em relação à sexualidade e às pessoas com diferentes orientações sexuais, bem como às novas famílias, valorizando os critérios do amor, da autenticidade e do conhecimento científico actual; que se capacite e se integrem os leigos em cargos executivos, libertando o clero para a pastoral da escuta e do acolhimento; se atualize a linguagem litúrgica congregando tradição e renovação, de modo que a Palavra e gestos se tornem compreensíveis, visando um anúncio fresco do Evangelho e uma liturgia mais vivida e participada; que se actualize a formação dos pregadores, para que estes utilizem uma linguagem positiva que aproxime o Evangelho da realidade contemporânea, permitindo a análise de temas prementes quer na vida da Igreja, quer nas várias dimensões da vida das pessoas.

No que diz respeito à comunidade dos crentes, sonha com uma Igreja que: se aproxime da vida concreta de todos e que acolha a sua própria diversidade, aceitando o diferente e o incómodo, descobrindo aí o amor de Deus; que se distinga na atenção e no cuidado ao outro, no viver quotidiano, nos valores, fazendo emergir uma espiritualidade cada vez mais próxima de Cristo; que acolha e inclua sacramentalmente as diferentes pessoas e realidades familiares (divorciados, recasados, diferentes orientações sexuais); que dê uma atenção particular às pessoas pobres, com deficiência, refugiadas; que valorize o diálogo intergeracional como fonte de evangelização e condição determinante e semente para a Igreja do terceiro milénio; e que desenvolva mais a formação, o estudo e a leitura da Bíblia.

Quanto à relação com a sociedade, espera que a Igreja: eleja as “periferias” como o seu centro e a sua missão principal; promova a escuta, o acolhimento, a inclusão, o diálogo social e

a fraternidade entre todos; estimule o encontro com outras instâncias da sociedade, deixando-se interpelar por estas. Aspira, ainda, a uma Igreja que fomente a comunicação e a amizade com outras confissões religiosas, que acolha celebrações ecuménicas e suscite o diálogo em torno a questões nas quais outras igrejas têm mais experiência (celibato, ordenação das mulheres e uma visão mais transversal da Igreja).

No que se refere, em concreto, à Igreja em Portugal e à diocese de Lisboa, considera que é fundamental: melhorar a comunicação com a comunidade de leigos que não está inserida em movimentos e associações; promover a interligação entre conselhos pastorais paroquiais de forma a criar linhas de ação conjuntas e a partilha de responsabilidades diocesanas entre pastores e leigos, estimulando uma maior participação e corresponsabilização dos fiéis; estimular uma maior disponibilidade para a escuta, acolhimento e acompanhamento com ações concretas de integração dos que estão e/ou se sentem à margem; criar mais momentos de encontro formal e informal entre os sacerdotes / bispos, leigos/as e crentes, de várias gerações, de modo a identificar os “sinais dos tempos” e apresentar o Evangelho numa linguagem atual; aproveitar as JMJ para promover o diálogo com os jovens, escutando as suas dúvidas e receios, respondendo de forma não dogmática e fechada; actualizar a formação nos seminários, nomeadamente através da integração, nessa formação, de mais mulheres (consagradas ou leigas) e mais leigos; apostar numa formação catequética apelativa e dinâmica para crianças e jovens por catequistas capacitados, assim como uma formação teológica e doutrinária contínua dos/as adultos/as; investir numa formação realista para o casamento, adaptada aos novos tempos e à evolução da ciência; dar uma atenção particular às pessoas com deficiência física e mental, e desenvolver formas criativas de acolhimento das mesmas; aprofundar o diálogo ecuménico e inter-religioso, nomeadamente com as outras confissões cristãs e com as comunidades judaica, islâmica, hindú e budista.

Para que este caminho se concretize com maior plenitude na Capela do Rato, a Comunidade propõe que os grupos sinodais continuem a reunir-se e se institua uma estrutura sinodal permanente, realizando assembleias comunitárias anuais para definir e rever planos de actividades. Espera que haja uma maior participação de pessoas na preparação da oração dos fiéis e ação de graças, bem como no comentário à Palavra de Deus feito por leigos/as. Propõe um maior investimento na formação teológica dos/as leigos/as e uma melhor preparação dos leitores/as. Sugere que as homilias sejam mais concisas e que seja mais explícita a relação entre a Palavra e a vida dos dias de hoje. Reforçar o silêncio, antes e durante a celebração, permitindo uma maior espiritualidade. Considera que a comunicação interna e externa deve ser mais eficaz. Seguindo o lema *Uma Igreja para todos*, sugere que se promova um melhor acolhimento e inclusão de todos e todas que procuram a nossa comunidade, se alarguem os grupos que cuidam dos mais frágeis, se melhorem as acessibilidades para quem tem mobilidade reduzida e se fomentem cafés comunitários e encontros informais. Pensando na sustentabilidade da comunidade, recomenda que se escutem mais os jovens e se promovam encontros intergeracionais. Propõe que se valorizem as artes como linguagem de mediação para a dimensão espiritual, assim como o diálogo com diversas instâncias da sociedade civil, através de debates e a colaboração sobre temas e atividades relevantes para a construção de um mundo melhor. E, finalmente, continuar a investir no diálogo ecuménico e inter-religioso, seja através de eventos realizados de forma ecuménica, seja pela prática de celebrações conjuntas.